



FORMAÇÃO DE EMPRESAS NO RIO GRANDE DO SUL E SEUS REFLEXOS NA MESORREGIÃO SUDESTE RIO-GRANDENSE

TATTO, Francis Radael¹; LAGEMANN, Marcelo ²; CANEVER, Mário Duarte³

¹ Acadêmico de Agronomia – FAEM/ UFPel, Bolsista PIBIC/CNPq

² Acadêmico de Agronomia e Economia – UFPel, Bolsista IC/CNPq

³ Prof. PhD. Deptº de Ciências Sociais Agrárias – FAEM/UFPel

Campus Universitário – Caixa Postal 354 – CEP 96010-900. francisradael@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Em face da necessidade de identificar as causas do crescimento econômico das nações, o empreendedorismo tem sido um tema em evidência, tanto entre os acadêmicos, quanto entre os delineadores das políticas econômicas.

Dentre os vários autores que estudaram o empreendedorismo, merece destaque o Austríaco Josef Shumpeter, tanto por ser um dos primeiros a tratar do tema, quanto pela relevância de suas teorias. Para ele, o empreendedor é o fomentador da vida econômica, o que inova e dinamiza a economia (Shumpeter, 1982). Outros autores como Henderson (2002) considera que o valor do empreendedor é evidente tanto no nível nacional como no nível regional ou local, afirmando ainda que os empreendedores locais reinvestem localmente mais que as filiais de grandes empresas. No entanto, nem sempre é oferecida uma resposta muito clara sobre a importância do empreendedorismo no desenvolvimento local. Para Reynolds et al (1994), por exemplo, o empreendedorismo movimenta os sistemas locais de produção, gera emprego e multiplicadores para a economia como um todo.

Dado a importância atribuída ao fenômeno do empreendedorismo e motivados pela escassez de análises que evidenciam a relação empreendedorismo e desenvolvimento no contexto do Rio Grande do Sul, objetiva-se neste artigo, identificar se regiões sabidamente menos dinâmicas (como a Mesorregião Sudeste Rio-Grandense), apresentam taxas de empreendedorismo nos setores Agropecuários, Industrial e Comercial diferenciadas daquela do resto do Estado.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Muitos autores já estudaram sobre o empreendedorismo e desenvolvimento regional, e seus principais fatores e causas. Alguns têm mostrado que o empreendedorismo é um fenômeno complexo que perpassa aspectos puramente culturais e regionais influenciando positivamente os níveis de desenvolvimento. Existe, porém, escassez de estudos que evidenciam empiricamente a esta relação nas diferentes regiões brasileiras (Casarotto e Pires, 2001). Outros estudos evidenciam a associação entre a formação de

empresas e a geração de empregos (Hart e Oulton, 2001). Por outro lado, a taxa de formação de empresas não está atrelada somente a estes fatores, mas a uma série de tendências ou fatores culturais, e até mesmo coloniais que são intrínsecas de cada região (Kemelgor, 2002).

3. METODOLOGIA

Embora o empreendedorismo seja muito estudado, não existe consenso sobre como mensurá-lo. O artigo propõe medir o empreendedorismo via a taxa de formação de novas empresas. Existem duas formas de medir a taxa de formação de novas empresas: um método dito ecológico (*Fir*) relaciona a formação de novas empresas ao estoque de empresas já existente em uma localidade e; um método alternativo conhecido como taxa de formação relativa à força de trabalho (*Fir**) relaciona a formação de empresas à quantidade de pessoal ocupado nos diversos setores da economia regional. O método ecológico utiliza como denominador o estoque de empresas existentes no ano anterior àquele da taxa estimada e algebricamente é calculado da seguinte forma:

$$Fir = \frac{NEtir - NEtir - 1}{NEtir - 1} \text{ Onde:}$$

NE = Número de empresas existentes no setor *i* na região *r*;
t = Ano.

O procedimento é particularmente importante para analisar a intensidade de rejuvenescimento empresarial, sendo que a taxa de formação resultante é expressa em relação a 100 empresas já existentes. A taxa de formação relativa à força de trabalho proposta por Amington e Acs (2002) – utiliza a população (ou força de trabalho) como denominador. A taxa de formação relativa à força de trabalho examina qual a proporção da população que está engajada na formação de um novo negócio e é expressa da seguinte forma:

$$Fir^* = \frac{\sum_{i=1}^n NEtir - \sum_{i=1}^n NEtir - 1}{\sum_{i=1}^n Pr} \text{ onde } Pr \text{ é o número de pessoal ocupado da}$$

população ou da força de trabalho na região *r*.

Com base nos 17 subsetores da economia brasileira, os dados obtidos no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE para o período de 1996-2005 foram agrupados em três grandes setores: Agricultura, Indústria, Comercio/Serviços¹. As taxas de formação de empresas foram estimadas para o Estado do Rio Grande do Sul como um todo, para a Mesorregião Sudeste Rio-Grandense e suas quatro microrregiões (Jaguarão, Litoral Lagunar, Pelotas e Serras do Sudeste) através do software *EXCEL*.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

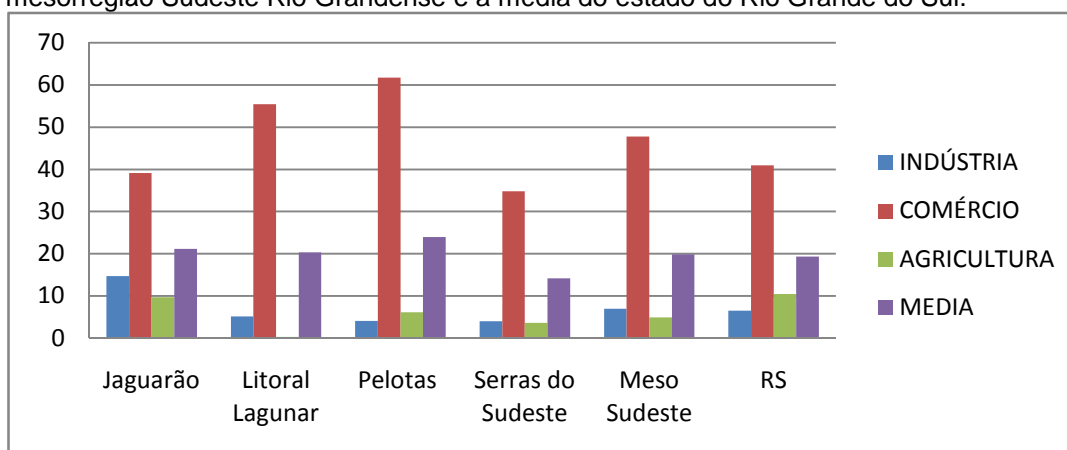
O gráfico 1 apresenta a taxa de formação de empresas relativa à força de trabalho em cada uma das microrregiões da mesorregião Sudeste Rio-Grandense, bem como a taxa média setorial e estadual.

A mesorregião sudeste tem uma taxa de formação de empresas maior que a estadual no setor de Comércio/Serviços. Isto faz com que a sua taxa

¹O agrupamento foi necessário devido a alguns dos 17 setores não apresentarem dados para o período estudado e também para facilitar a análise.

média total seja maior que aquela observada para o estado como um todo. Portanto, na média, no Sudeste Rio-Grandense, criam-se mais empresas por 1000 pessoas ocupados nos diversos setores do que no estado. As microrregiões que se destacam são Pelotas e Litoral Lagunar (onde estão localizadas as cidades de Pelotas e de Rio Grande, respectivamente). Como nestas cidades existem poucas opções no mercado de trabalho e dado o relativo baixo custo para iniciar um novo negócio no setor de comércio/serviços as duas microrregiões acabam por inflacionar os índices de formação de empresas da mesorregião sudeste.

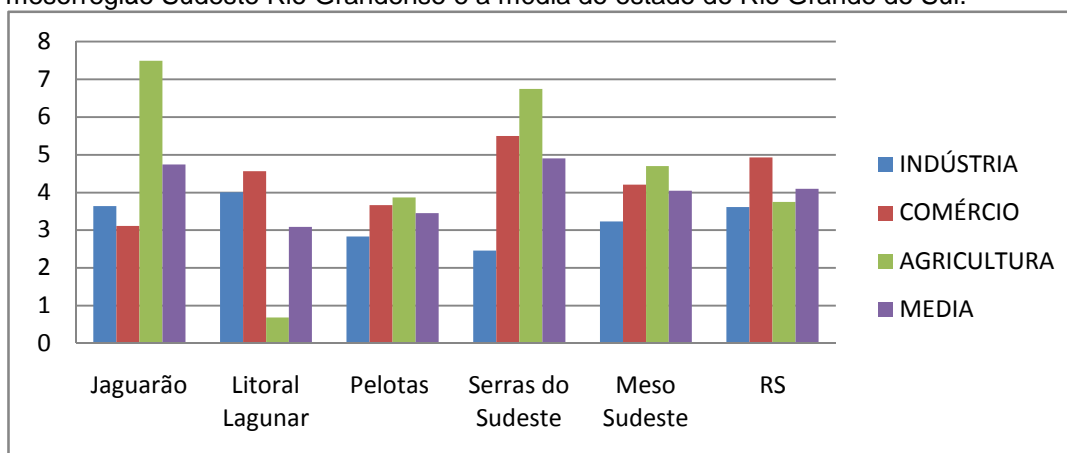
Gráfico 1 - Taxas de Formação de Empresas (*Fir**) no período de 1997-2005 na mesorregião Sudeste Rio Grandense e a média do estado do Rio Grande do Sul.



Fonte: Organizado pelos autores.

Em relação ao setor agrícola na Mesorregião Sudeste Rio-Grandense há baixa taxa de formação de empresas por 1000 trabalhadores ocupados no setor. Isto se deve ao fato da microrregião Pelotas apresentar uma agricultura de grande porte (intensiva em capital e trabalho), o que não favorece o surgimento de empreendedores para formalizar novos negócios. De outro lado, na microrregião Serras do Sudeste, a agricultura é tipicamente familiar, o que também não favorece o surgimento de novas empresas formais, pois inexistem empresas maiores na região para multiplicar seus efeitos em negócios complementares. Em relação ao setor industrial, a mesorregião Sudeste acompanha a média de formação de novas empresas do Estado como um todo, principalmente devido ao grande desempenho da microrregião Jaguarão.

Gráfico 2 - Taxas de Formação de Empresas (*Fir*) no período de 1997- 2005 na mesorregião Sudeste Rio Grandense e a média do estado do Rio Grande do Sul.



Fonte: elaborado pelos autores.

Analisando a taxa de formação de empresas pelo método ecológico nas mesmas unidades geográficas, observa-se que no setor agrícola a microrregião Jaguarão, é a que apresenta maior rejuvenescimento, ao passo que a microrregião Litoral Lagunar, é a de menor taxa. Para o setor Comercial, a microrregião Serras do Sudeste apresentou a maior taxa e Jaguarão a menor. Para o setor Industrial, a microrregião Litoral Lagunar, foi a única que apresentou taxa ecológica de formação de empresas superior aquela do Estado.

Se analisarmos as duas formas de medir as taxas de formação, vemos que no setor Agrícola, a microrregião Jaguarão é a que apresenta maior índice de rejuvenescimento, mas com baixo índice relativo à força de trabalho. Já para a microrregião Pelotas, as taxas de formação (*Fir*) e (*Fir**) apresentam comportamento contrário, enquanto que para a microrregião Serras do Sudeste, no setor Agrícola as taxas apresentam-se semelhantes às aquelas observadas em Jaguarão.

5. CONCLUSÕES

Neste artigo verificamos as taxas de formação de empresas para os três principais setores econômicos, através do método que relaciona a formação de empresas ao estoque de empresas e ao número de empregados no setor e na região. Em geral as taxas foram assimétricas, pois altas taxas de formação *Fir* em um determinado setor, correspondem a baixas taxas *Fir** neste mesmo setor. Ou seja, as referidas taxas de formação de empresas medem diferentes dimensões do empreendedorismo

O sudeste Rio Grandense, rejuvenesce a sua base empresarial a um menor nível do que o estado como um todo, devido ao alto estoque de empresas principalmente no setor comercial. Contudo, há um movimento de convergência face às pessoas ocupadas no sudeste Rio Grandense empreenderem mais do que seus similares no estado gaúcho como um todo.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARMINGTON, C; ACS Z. J. 'The Determinants of Regional Variation in New Firm Formation', *Regional Studies* 36, 33–45, 2002.
- CASAROTTO FILHO, N., PIRES, L. H. *Redes de pequenas e médias empresas e desenvolvimento local*. São Paulo: Atlas, 2001.
- HART, P. E.; OULTON, N. 'Galtonian Regression, Company Age and Job Generation', *Scottish Journal of Political Economy* 48, 82–98, 2001.
- HENDERSON, Jason, "Building the Rural Economy With High-Growth Entrepreneurs", *Economic Review - Federal Reserve Bank of Kansas City*, Vol.87, Nº 3, Kansas City, Third Quarter , 45-70, 2002.
- Dados Estatísticos do IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.com.br>> Acesso: 20 de fevereiro de 2009.
- KEMELGOR, B.H. A comparative analysis of corporate entrepreneurial orientation between selected firms in the Netherlands and the USA, *Entrepreneurship & Regional Development*. v. 14, p.67-87, 2002.
- REYNOLDS, P. e D.J. STOREY, "Cross-national comparisons of the variation in new firm formation rates", *Regional Studies*, Vol.28, 443-456, 1994.

SHUMPETER, J. A. Teoría del desenvolvimiento económico: una investigación sobre ganancias, capital, crédito, interés e ciclo económico. México: Fondo de Cultura Económica, 1982.